N.º 10 Revista mensal Anno 2

DIRECTOR: Paulo Cancella

REDACTOR: Augusto Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NO
CENTRO COLONIAL
75, Rua Augusta, 1.º D.

Composição e impressão no
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
Largo da Abegoaria, 27 e 28

PROPRIETARIO—O Centro Colonial

BIBLIOTHECAS MUNICIPAIS
LISBOA

BOLETIM

DO

Centro Colonial

DE

LISBOA

(Associação de Classe)

LISBOA—15 DE JANEIRO DE 1910

ASSIGNATURA

Anno ..... 2$400 réis

Gratis para os socios do
CENTRO COLONIAL

ANNUNCIOS

Meia pagina..... 1$500 réis
Uma » ..... 2$500 »
Por anno:
Meia pagina..... 12$000 réis
Uma » ..... 18$000 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao *Centro Colonial*, 75, R. Augusta, 1.º D.

BIBLIOTHECAS MUNICIPAES
LISBOA

Assumptos coloniaes

A crise do cacau

RAZÕES DA BAIXA — INFORMES SOBRE A PRODUCÇÃO E CONSUMO — AS ESPECULAÇÕES.

(Continuação do n.º 9)

VII

Paizes productores

São Domingos

A producção do cacau, em S. Domingos se tem desenvolvido de poucos annos para cá.

Em 1892 sua exportação era apenas de 350 toneladas segundo (Leconte e Chalot em sua obra «O cacau», pag. 96 e em 1907) attingiu a 10.962 que é *3 vezes mais.*

Em uma carta do sr. D. E. S. Monsanto, consul de S. Domingos, em Porto Cabello e antigo residente na ilha, dirigida ao ministro do Fomento no começo de 1907, disse que, 40 annos, antes o cacau não existia em S. Domingos e admira-se de ter chegado sua producção a 277,927 quintaes.

As plantações d'essa republica são, pois, relativamente modernas.

A exportação de 1892 a 1898 subiu de 350 toneladas a 3500 e desse anno a 1907 triplicou de novo, não parecendo que tenha ficado ahi.

Vemos na «Revista de Agricultura», de setembro de 1908 que no primeiro semestre d'esse anno exportou-se 257.406 quintaes contra 147.032 de 1907 e 182.039 de 1906.

Este augmento rapido significa o producto de novas plantações que entram no seu periodo de completo desenvolvimento e são *temiveis.*

Um artigo publicado na mencionada Revista n.º 9 dezembro de 1905 faz uma idéa prudente calculando que a plantação

em 1915 chegará a produzir... 700.009 quintaes (35.000 toneladas) o que achamos muito difficil, pois, para ellas precisariam, de 70 milhões de pés no minimo, e estes requerem pelo menos 200.000 hectares de terrenos cultivados somente de cacau, o que requer muito tempo e dinheiro.

A principal plantação de São Domingos não é o cacau. De sua exportação total em 1907 que attingio a pouco menos de 8.000.000 de peso (ouro) o cacau somente valia 2.800.000 pesos (ouro) isto é 35 /.. Exportou assucar na quantidade de 1.237536 quintaes, de fumo 229.471 quintaes e outro productos que exigem reunidos uma area de cultura muito mais extensa do que a do cacau.

Não acreditamos que haja receio de chegar a tão consideraveis cifras, a menos que com o recente panico não haverá muito enthusiasmo por um trabalho extraordinario para um artigo que dá tão maus resultados.

São Domingos dispõe, talvez de mais capitaes estrangeiros do que nós outros. Sua proximidade com os Estados Unidos e o tratado ultimo de emprestimo que concede certos direitos aos cidadãos ou governo da Republica norte americana lhe põe em condições de, ao menos, obter a affluencia de dinheiro yankee. Com tudo isso o dinheiro é conservador e não se aventura e ninguem mais proteccionista do seu dinheiro do que os americanos do norte.

As revoluções parecem ter sido ali mais frequentes ao que entre nós, e apezar de atrazar o trabalho espanta os capitalistas. Não podemos obter grande copia de informes sobre o cultivo do cacau em S. Domingos nem de sua estatistica; e recolhendo os poucos que temos conseguido, podemos dar os seguintes apontamentos;

O cacau dominicano é muito inferior ao nosso como já dissemos em artigo anterior. Sua cotação em relação ao nosso é de 44 schlings contra 61 pelo do Equador.

Disto se queixa a revista de Agricultura de dezembro de 1905 e novembro de 1907, dizendo que se sacrifica a qualidade pela quantidade.

O competidor barato é muitas vezes um perigo: porém, quanto ao cacau não o é tanto porque todo elle é consumido quer seja bom ou mau; e mais porque usando-se do inferior mistura-se com o melhor barateando-se o custo medio, sendo ambos consumido.

O cacau é produzido em Higuey, Seybo, Hato Mayor, Monte Plata, Boyá, Sabana de la Mar, San Francisco de Macoris, Moca e Vega.

Assegura a «Revista» (paginc 157, de 1906) que uma arvore alli produzia, em media *um kilo* e calcula em 27 milhões as existentes. Este calculo está errado, pois a não ser assim terá exportado 27 mil toneladas. A mesma revista desse anno,

diz que em 1904 exportaram-se 13.557.339 kilos; o que, segundo o seu calculo representaria 3/2 milhões de pés (a um kilo cada um).

Segundo o quadro publicado na gazeta official n. 1649, de 3 janeiro de 1906, a exportação em 1904 é calculada em 186,72 quintaes, que não são 13.557 toneladas, mas sim 9.336. E' verdade que o mesmo diario diz, que devido á guerra civil, varias alfandegas não tinham enviado os seus quadros em alguns mezes.

Mesmo assim, acceitando as 13.557 toneladas, o solo produz, como o nosso, *uma libra* e não *um kilo*, o não ha senão 131/3 milhões em pés.

São tão diversos os dados que se conseguem obter, que ha confusão para saber-se a verdade.

A revista já mencionada (dezembro de 1907) queixa-se de terem sido inuteis todos os esforços empregados para obter os dados na officina de Estatistica, e copiando um artigo do *Gordiar*, revista le Hamburgo, diz que é «muito curioso que as noticias cheguem de fora.

Se isso acontece na capital da Republica, que hade extranhar-se que aqui em Quito, apenas possamos conseguir dados?

Appellando para as bôas fontes de informações que nos tem sido possivel obter, achamos que a exportação a começar do anno de 1886 tem sido assim:

1885, 170 tons.; 1886, 107 tons.; 1887, 167 tons.; 1888, 515 tons,; 1889, 651 tons.; 1790, 708 tons.; 1891, 892 tons.; 1892, 962 tons.; 1893, 1473 tons.; 1894, 1975 tons.; 1895, 1660 tons.; 1896, 2250 tons.; 1897, 3665 tons.; 1898, 3993 tons.; 1899, 2895 tons.; 1900, 5963 tons.; 1901, 685 tons.; 1902, 7975 tons.; 1903, 7325 tons.; 1904, 13557 tons.; 1905, 14418 tons.; 1906, 16917 tons.; 1907, 10151.

A grande producção parte de 1900 e 1904, com as mesmas inconstancias que entre nós, assim como Venezuela e Brasil, pois vemos o pulo de 2805 em 1899 a 5963 em 1900. Porém dois annos anteriores (1897 e 1898) ella foi maior.

De 1903 com 7,325 elevou-se a quasi o dobro, nos dois annos seguintes díminuindo em 1907 a 10,151 sómente,

Em 1908, temos visto já que no primeiro semestre chegou a 257 mil e quinhentos — 12.850 toneladas, sendo possivel que no segundo complete a 20.000.

	QUINTAES
O 1.º semestre de 1906 deu.....	182.039
O 2.º semestre de 1906 deu.....	166.313
	338.352
O 1.º semestre de 1907 deu.....	147.032
O 2.º semestre de 1907 deu.....	72.220
	219.252

Não é pois de estranhar-se que o segundo de 1908 tenha dado 7.150 toneladas (143 mil quintaes) quando em egual epoca de um anno menos abundante, deu 156.090.

O temor de uma producção exaggerada, o limita com tudo pois o facto de ser ilha, o seu territorio está determinado e que as seus demais producções tão proveitosas como o cacáu, occupam já grande parte d'elle.

Confirmando o já exposto, com relação á diversidade de dados, que confundem, notamos que em 1902 produziu segundo a «Revista de Agricultura» (dezembro 1905) 7.975 toneladas, e segundo o Statesman Year Book de 1905 (pagina 1124) mais ou menos 290.000 quintaes que são 14.500 toneladas.

Os dados da citada «Revista» deveriam merecer mais fé, por serem elles extrahidos de publicação official: porem vemos que essa cifra está copiada d'um artigo que appareceu na *Nação*, de Guayaquil de 3 de maio de 1905 numero 7.701. — Artigos que foram escritos sobre dados publicados pelo «Gardian» de Hamburgo (n.º 231). Este por sua vez extrai-os da «Memoria da Camara do Commercio de Guayaquil», alguns, pelo menos dos seus dados para formar o quadro que publicou.

E' bem curioso esse meio de fazer estatistica mundial: bem sabemos o que pode occasior um erro de imprensa reproduzido, dando logar a falsas apreciações.

O «Statesman Pear Book» consigna para 1909 a quantidade de 113.310 quintaes, que são 5.615 toneladas, e a «Revista», que já sabemos de onde tomou os seus dados, cita 5.963, que não é cifra muito differente.

Os portos de exportação de cacáu, são (segundo a «Revista»): A Romana, São Pedro de Macoris, São Domingos, Sanchez e Porto Plata. Não sabemos se «A Romana» tem outro nome, porem, em nenhuma outra publicação o temos visto.

A memoria de Fazen de 1907, cita os seguintes:

Monte Christo, Puerto Plata, Samaná Sanchez, Macoris, São Domingos, Azua, Barahona e os terrestres que são tres:

Terra Nova, Commendador e Dajabon que são os mesmos que menciona o «Controller e Receptor Geral do serviço da Alfandega» (americano).

Dos oito maritimos só Azua e Barahora não exportam cacáu, o que não se dá com os seis outros donde colligimo que a «Revista» está enganada.

Isto não seria importancia, se não fosse escripto no mesmo paiz, e nada de particular teria, que aqui comettessemos alguns erros.

A importação de cada um dos portos exportadores pode-se apreciar em frente dos seguintes dados: Exportação do terceiro trimestre de 1905:

	Libras
Sanchez	4.341.727
Puerta Plata	2.539.854
Santo Comingo	423.486
Samaná	325.040
Macoris	227.295
Monte-Christo	388
	7.857.890

Sanchez e Porto Plata exportam pois o grosso da colheita; (mais ou menos a 88 %).

Um informe que é de interesse para nós e que copiamos da Revista de (dezembro 1906) vale a pena cital-o: é o que se refere aos *gastos* por quintal de 50 kilos, que tem o caçáu na capital de São Domingos, assim discriminado:

Carretagem	$0,04
Molhe (suppomos que seja molhe) de entrada e sahida	$0,10
Tára	$0,30
Linha e costura	$0,04
Trabalhadores	$0,07
Direitos de exportação	$1,10
Proporção, sacca vasta	$0,15
Ouro americano	$1,80

ou seja $3,75 da nossa moeda

Em São Domingos, preoccupam-se, pelos menos de fazer propaganda em favor de melhoramentos do seu cacáo, o qual como o da Bahia (Brasil) se faz fermentar.

No numero da «Revista» de novembro de 1907 advoga-se o uso das machinas *separadoras* de pedras e grãos (o que no Equador chama-se *zarandear* (peneirar e se faz a mão,) e em varios numeros são descriptos e recommendados os apparelhos de seccar.

O numero de abril de 1907, traz um convite feito no «Gardian» n. 282, aos proprietarios de terrenos em São Domingos. Equador, Brasil, Venezuela, Trindade ou Africa para que se ponham em communicação com a empreza desse jornal para a renda de terrenos ou para qualquer outro assumpto que se reacione com o cultivo e producção do cacáo.

Essa empreza, segundo diz o mesmo «Gardian» estava encarregada de levar a effeito um projecto de semear 8 ou 10 milhões de pés, em differentes paizes, em fazendas proprias e impulsionar o melhoramento scientifico do cultivo; até agora não temos conhecimento de plantação alguma de taes interessados, em nenhum dos paizes.

Para estimar o *futuro* de São Domingos, no proximo decennio, partimos da base de que a sua plantação moderna entrou na plenitude do seu desenvolvimento e é possivel que nos ultimos cinco annos tenha augmentado bastante a sua producção.

Esses cinco annos tem dado:

Annos	Toneladas
1904	13.558
1905	14.418
1906	16.917
1907	10.151
1908	20.000

o que quer dizer que de 1904 a 1908, houve 6 500 toneladas de augmento.

Considerando que nos proximos cincos annos (1909 a 1913) o augmento não pode ser em egual proporção, mais sim de 6.000 toneladas, (1.000 annuaes que são 6 % sobre a ultima cifra).

Concluimos que elle chegará talvez a 25.000 toneladas em 1913 e 30 mil em 1919: deixando bem atráz a Venezuela. A baixa em 1907 que reduzio a quasi metade a do anno anterior deixa vêr tambem que temor de contar com as *más* colheitas, como aconteceu nos demais paizes productores.

(Continúa).

Agricultura Colonial

I

Doenças do cacau

A POURRITURE BRUNE das capsulas

Desde ha muito tempo conhecida dos plantadores, a *pourriture brune* foi descripta pela primeira vez, d'uma maneira precisa, em 1899, por G. Massee á vista de amostras provenientes da Trindade e communicadas por Hart.

Designada, conforme as regiões, pelos nomes de *brown-rot* de *Braun-fäule*, é uma das doenças mais graves do cacau, quer pela sua grande extensão geographica, quer pelos estragos que produz.

A *pourriture brune* deve provavelmente existir em todas s regiões onde o cacau se cultiva, e está mais ou menos espalhada por toda a America tropical, Antilhas, Guyana inglesa, etc. Em Africa atacou os Camarões, onde é conhecida ha uns vinte annos, mas a intensidade dos estragos tem sensivelmente augmentado ha cerca de 10 annos. A mesma doença deve encontrar-se tambem no Ceylão. (1) Carruthers descreveu resumidamente uma podridão dos fructos em que encontrou as fructificações de um *Nectria* acompanhando as de uma *Peronosporea*, cuja descripção precisa não deu, mas que deve ser identica á que causa a *pourriture brune*.

Emfim, a *pourriture brune* é apontada egualmente em Java.

Os estragos occasionados por esta doença variam segundo as regiões; são muito importantes em certas localidades, e Busse indicou casos em que a podridão destruiu até tres quartas partes da colheita.

As capsulas doentes reconhecem-se pela apparição, na superficie, de manchas irregulares, escuras, principiando, ou no extremo, ou na base do fructo, que rapidamente o invadem por completo. Os fructos podem ser atacados em todos os estados de desenvolvimento, a maior parte das vezes quando attingem metade do tamanho definitivo ou quando se appro-

(1) Tambem existe em S. Thomé, desde algum tempo, tendo tomado grande incremento n'estes ultimos annos, e, agora mesmo, com o periodo das chuvas, está esta doença causando grandes prejuizos.

(Nota do trad.)

ximam da maturação. Sobre as manchas escuras apresentam-se depressa as fructificações do cogumelo sob a forma d'um ligeiro revestimento branco, d'um aspecto farinhoso, tomando depois uma côr amarellada. Este revestimeuto formado de numerosos conidiophoros nascidos d'um fino mycélium que penetra em toda a espessura da casca e se espalha até na polpa, que se torna vitria, escurece e apodrece.

Os proprios grãos podem ser attingidos e apresentam á superficie pequenas manchas escuras, cuja extensão determina a alteração de todo o tegumento; o embryão d'estes grãos é destruido.

O parasita só ataca os fructos; nunca foi encontrado no cacoeiro.

O cogumelo, que a *pourriture brune* das capsulas produz, foi relatado por G. Massee no *Phytophthora Cactorum* (Cohn et Lib.) Schr. (*P. omnivora* de Bary) Peronosporéa bem conhecida como parasita d'um grande numero de plantas, principalmente das plantas carnosas e de diversas germinações. E' certo que o cogumelo do cacoeiro apresenta grandes affinidades com o *Phytophthora Cactorum*, mas, segundo as recentes observações de von Faber, parece ser distincto e julgamos devel-o considerar como uma especie especial sob o nome de *Phytophthora Faberi* nov. s/p[2].

Ao principio, o mycelium é abundante na parede do fructo, depois penetra a pouco e pouco até aos grãos, cujo enveloppe e embryão invade. O mycelium é formado de filamentos finos, incolores, geralmente intercellulares e lançando atravez das cellulas pequenos chupadores arredondados, mas por vezes atravessando mesmo a cavidade d'essas cellulas. Os tecidos do fructo escurecem sob a acção do parasita; o conteudo cellular toma a fórma d'uma massa cinzenta escura, ao passo que o caroço é fortemente hypertrophiado.

Os conidiophoros formam á superficie das manchas escuras, uma efflorescencia esbranquiçada; são os filamentos delgados, continuos, hyalinos, simples ou mais raramente ramosos. A maior parte das vezes trazem um unico conidio terminal, mas, por vezes, por baixo d'este conídio, nasce um ramo secundario, cujo desenvolvimento afasta, para o lado, o conidio primario e que, desde então, parece continuar o conidiophoro; este ramo da segunda geração termina por um conidio. Nunca se encontram mais de dois conidios no mesmo conidiophoro, como é normal nos outros *Phytophthora* *O. P. infestans* da batata, por exemplo.

Os conidios, (ou antes os sporangios) são muito variaveis em fórma e dimensão. Teem geralmente o aspecto de um limão um pouco agudo na extremidade; mas encontram-se tambem arredondados mais ou menos encurvados, etc. Em todos os casos a membrana é delicada, hyalina, ligeiramente espessa

na extremidade. o conteudo granuloso. A dimensão d'estes sporangios varia entre 30 a 80 μ de cumprimento por 25 a 42 de largura.

Os conidios formam-se em numero consideravel á superficie dos fructos doentes e são dispersados pela chuva, o vento ou os insectos. Germinam facilmente, em 5 a 6 horas a 18.°; o conteudo divide-se então n'um certo numero de pequenos corpos nus, sem membrana, munidos de duas pestanas vibrateis e d'uma grossa vacuole central; são zoosporos, que, expulsos do sporangio, nadam no liquido, fixam-se e germinam pelo filamento.

O numero d'estes zoosporos é pouco variavel, mas sempre bastante reduzido; nunca se contam mais de 20, emquanto que, no *Phytophthora Cactorum*, de Bary, de 30 a 50 zoosporos. A's vezes os zoosporos germinam no interior mesmo do sporangio, que parece então emittir um certo numero de finos filamentos.

Os zoosporos observados por Massee e revistos por von-Faber, nascem em grande numero nos tecidos desorganisados da casca, muitas vezes entre o grão e a parede interna do fructo. São arredondados, lisos, com membrana expessa e medem 45 μ de diametro, dimensão bem superior á dos oosporos do *Phytophthora Cactorum* (24-30 μ), são os orgãos de conservação do parasita durante a estação secca, emquanto que os conidios, que não conservam por muito tempo a faculdade germinativa, são o seu orgão de disseminação rapida durante a estação humida.

A *pourriture brune*, como em geral as doenças devidas ao parasitismo dos Peronosporeos, é muito distinctamente influenciada pela humidade; não ataca senão na estação das chuvas e cessa apenas a secca persiste. Ella é mais grave nos terrenos humidos e impermeaveis do qne nos sitios seccos expostos aos ventos, sobre as arvores bem allumiadas e arejadas, do que nas plantações expessas. Pelo mesmo motivo os fructos protegidos por folhas, são atacados mais frequentemente do que os que se acham a descoberto; n'este caso accresce, á circumstancia de se encontrarem os primeiros n'uma atmosphera mais humida do que os ultimos, a acção das fortes quedas d'agua que arrastam os conidios e lhes não permittem fixar-se e germinar sobre a casca lisa das capsulas expostas directamente á chuva.

Tratamento. Desde o começo, apesar das experiencias não estarem ainda feitas, Massee tinha, por analogia, aconselhado as pulverisações cupricas, contra a *pourriture brune* dos fructos. Este tratamento é certamente efficaz; mas na pratica surge uma difficuldade nas regiões onde as quedas d'agua violentas, lavando as folhas e os fructos, levam rapidamente o deposito cuprico que as pulverisações deixaram; é o que explica os

resultados quasi negativos que tinha obtido Busse nos Camarões.

Nas mesmas condições, von Faber logrou entretanto proteger as plantações pelo emprego de caldas muito adherentes, de colophonia e amido.

Junta a um hectolitro de calda bordeleza ordinaria uma mistura produzida pelo amassamento, n'um pouco d'agua, de 250 grammas de colophonia finamente pulverisada e 500 grammas de amido de batata. (*a*)

Esta calda resiste, segundo von Faber, ás maiores quedas d'agua sem perder as suas propriedades anticryptogamicas.

As pulverisaçõs unicamente preventivas, devem ser de preferencia effectuadas n'um tempo secco e cheio de sol, antes da formação dos orgãos de disseminação do *Phytophthora*, quer dizer, antes dos periodos chuvosos; o numero varia segundo as condições do desenvolvimento e a rapidez da vegetação das arvores. Os resultados obtidos nos Camarões são muito animadores; von Faber viu o numero de fructos doentes baixar de 56 a 22, 24 %.

Alem das pulverisações cupricas, diversas operações complementares são aconselhadas nas plantações, especialmente a destruição das capsulas doentes; Bussen propoz-se desinfectal-as com sulphato de ferro que destroe os oosporos.

Indiquemos ainda a destruição das vegetações epiphytas que cobrem os troncos e os ramos dos cacoeiros; estas plantas, (musgos, lichens, phanerogamas), são por si pouco prejudiciaes, mas reteem grandes quantidades de agua e contribuem para manter a humidade tão favorovel ao desenvolvimento do *Phytophtora*. Esta destruição póde ser feita com uma solução de sulphato de cobre a 6 % (Howard); segundo von Faber uma solução mais fraca a 2 % póde bastar.

Emfim os cortes racionaes contribuem para diminuir a intensidade dos estragos do *Phytophtora* facilitando o accesso da luz e do ar na folhagem.

Continua

(*L'agriculture pratique des pays chauds*).

(*a*) O amido de batata tem por fim permittir a encorporação do colophonia na calda.

Providencias

Doença dos serviçaes

Em resposta ao nosso officio de 9 dezembro pedindo providencias para o estudo e tratamento da dysenteria que está grassando entre os serviçaes de S. Thomé, recebemos do sr. Director Geral do Ultramar o seguinte officio:

«Secretaria d'Estado dos Negocios do Marinha e Ultramar. Direcção Geral do Ultramar — 5.ª Repartição.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Encarrega-me Sua Ex.ª o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar em referencia ao officio de V. Ex.ª de 9 do corrente, tratando de uma epidemia dysenterica que lhe consta estar grassando entre os serviçaes indigenas das roças em S. Thomé, de rogar a V. Ex.ª se sirva informar se os donos das ditas roças se prestam a fazer as despezas necessarias com a missão sollicitada no dito officio.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 20 de Dezembro de 1909.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente do Centro Colonial de Lisboa.

O Director Geral

(a) *F. F. Dias Costa*»

Surprehendeu-nos a pergunta feita n'este officio.

Calculavamos que, tratando-se d'um caso grave de saude publica, o sr. Ministro da Marinha providenciaria immediatamente afim de evitar a propagação da doença e morte dos serviçaes atacados.

Supunhamos que havendo saldo nas receitas da Provincia de S. Thomé e dispondo o sr. Ministro da Marinha d'elle a

favor das outras Provincias, sempre restaria alguma coisa para se applicar em beneficio da Provincia que dava o saldo.

Vimos porém que nos enganámos.

Lamentamos profundamente que o sr. Ministro da Marinha peça esmola aos proprietarios de S. Thomé, para poder tomar providencias que exigiam resolução prompta e immediata.

Coisas portuguezas.

Posteriormente, recebemos o seguinte officio:

«Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. Direcção Geral do Ultramar — 5.ª Repartição.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Encarrega-me S. Ex.ª o ministro e Secretario d'Estado dos negocios da Marinha e Ultramar, de dar conhecimento a V. Ex.ª, do telegramma que o Governador da Provincia de S. Thomé e Principe, enviou para esta Secretaria d'Estado, em resposta ao que lhe fôra dirigido em 21 do corrente mez, sobre a epidemia de dysenteria, a que se referia o officio de V. Ex.ª de 9 do mesmo mez e que é do theor seguinte:

«S. Thomé em 24 de Dezembro de 1909 — Referencia telegrama 21 saude informa não haver epidemia dysenteria servicaes Roça — (*a*) *Governador.*

Deus Guarde a V, Ex.ª

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar em 29 de Dezembro de 1909.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente do Centro Colonial

O Director Geral

(a) *João Thaumaturgo Junqueiro*»

Agradecemos ao Sr. Ministro da marinha a amabilidade da communicação, mas duas coisas nos admira: a primeira é que tendo este Centro officiado ao Sr. Ministro, em 9 de Dezembro pedindo-lhe providencias immediatas para a epidemia de dysenteria que grassava em S. Thomé, elle só, em 21, pedisse informações; a segunda, que o Sr. Governador de S. Thomé informasse que não existia a epidemia, quando nós

sabemos que ella grassava em varias roças, como nos foi cummunicado por alguns socios d'este Centro.

Temos a certeza de que o Sr. Governador ou empregou poucas diligencias para se informar ou foi mal informado. Se tivesse mandado á Roça Monte-Mario ou á do Sr. Domingos Machado, Irmãos, daria ao Sr. Ministro da Marinha uma informação diversa da que consta do officio que publicamos

Coisas portuguezsa.

Caminho de ferro

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em 29 de março do anno findo pediu este Centro ao então Ministro da Marinha o obsequio de, logo que terminassem os estudos do ramal do caminho de ferro para a Magdalena, em S. Thomé, mandar proceder aos do ramal da Trindade para o Abbade.

Como os estudos do ramal da Magdalena já terminaram, vimos pedir a V. Ex.a se digne mandar proceder aos estudos do ramal da Trindade para o Abbade, que é uma região de grande importancia agricola.

Confiamos que V. Ex.a attenderá este nosso pedido.

Deus Guarde a V. Ex.a

Lisboa,

Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro da Marinha e Ultramar.

O Presidente

José Paulo Monteiro Cancella

Doença dos cacoeiros

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em abril do anno findo pediu este Centro ao então Sr. Ministro da Marinha providencias rapidas para o estudo d'uma

doença que em S. Thomé estava atacando os cacoeiros, causando Já grandes prejuizos.

Attendendo ás nossas solicitações. communicou-nos S. Ex.ª em seu officio de 7 de maio que n'esse mesmo dia seguiam para S. Thomé, afim de estudarem a referida doença, os agronomos srs. José Joaquim d'Almeida, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria, e Acrisio Cannas Mendes, chefe de serviço do mesmo instituto.

Passaram-se já 7 mezes depois da partida para S. Thomé d'estes distinctos funccionarios e ainda até agora não tivemos conhecimento do resultado dos seus estudos.

E' de crêr que já tenha sido enviado a esse Ministerio o relatorio elaborado pelo sr. Almeida e pelo sr. Mendes, mas nenhuma communicação ainda d'isso se fez aos interessados, que são todos os roceiros de S. Thomé.

Vimos, pois, rogar a V. Ex.ª o obsequio de, no caso de já existir n'esse Ministerio o relatorio dos referidos agronomos, nos dar d'elle conhecimento, enviando-nos uma copia para a publicarmos no nosso *Boletim*. No caso de ainda não ter sido enviado a esse Ministerio o relatorio, rogamos a V. Ex.ª o obsequio de instar com os srs. José Joaquim d'Almeida e Acrisio Mendes para o enviarem com a maior brevidade.

Os roceiros pretendem atacar a molestia que lhes vae invadindo as propriedades, mas para isso torna-se indispensavel e urgente que os agronomos que foram encarregados de estudar a doença lhes indiquem o meio de o fazer.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Lisboa, 7 de Janeiro de 1910.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro da Marinha e Ultramar.

O Presidente

José Paulo Monteiro Cancella

Draga

Em resposta ao nosso officio de 22 de Novembro relativo ao serviço da Draga em S. Thomé, recebemos de S. Ex.ª o Director Geral do Ultramar, o seguinte officio :

«Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. Direcção Geral do Ultramar 2.ª Repartição 3.ª secção n.º 900.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em referencia ao officio de V. Ex.ª de 22 de Novembro findo, incumbe-me S. Ex.ª o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar de informar V. Ex.ª que o rebocador destinado ao serviço da draga está sendo construido na casa Lytham Shipbuilding & Engieering C.ª, devendo ser entregue no fim do corrente mez, seguindo depois para S. Thomé.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar em 14 de Dezembro de 1909.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente do Centro Colonial

O Director Geral

(a) *F. F. Dias Costa*»

Informações

CAMBIOS

Em 31 de dezembro

Libra	5$050
Franco	201
Marco	248
Peseta	188
Dollar	1$040

Generos coloniaes

Mercado de Lisboa

Apesar das festas de Natal e Anno Bom o mercado tem mantido uma certa animação, havendo compradores para todas as partidas, que se apresentam á venda, pelos preços correntes, que são aproximadamente os mesmos que n'estes ultimos mezes teem sido cotados,

N'este mez, as entradas devem ser elevadas, talvez cem mil saccos, e por isso não é de presumir uma alta, mas, se os detentores se compenetrarem de que ao intercsse geral convem o aproveitarem, emquanto ha compradores, a occasião de collocar todo o cacau de que dispõem, prepararão assim uma situação mais favoravel para a proxima colheita.

A melhor forma de valorisar a futura producção de cacau, é despejar completamente os armazens de deposito de Lisboa, por meio de vendas effectivas aos consumidores estrangeiros.

Cacau existente, nos armazens do porto de Lisboa

Em 30 de novembro	124.959	saccos
Entrado em dezembro	47.064	»
	172.023	

Sahido em dezembro:

Para consumo do paiz	258	
Para o estrangeiro	64.601	64.859
Existencia em 31 de dezembro		107.164
Existencia em 31 de dezembro de 1908....		125.665

Média dos preços correntes no fim de dezembro

Cacau

S. Thomé e Principe	Fino	3$450
	Paiol	3$150-3$200
	Escolha	2$300-2$450

Café

S. Thomé e Principe	Fino	4$400-4$600
	Paiol	3$200-3$800
	Escolha	2$400
Cabo Verde		4$000-4$300
Angola	Ambriz	2$600
	Ancoge	2$500
	Cazengo	2$500
Timor		3$900-4$000

Artigos diversos

Cera—450 grammas:

Benguella e Loanda	295

Borracha——Kilo:

Benguella	1$650
Loanda	1$650
Ambriz—1.ª	1$900
» —2.ª	1$100

Coconote—15 kilos	1$200
Azeite de palma—15 kilos	1$550-1$650
Miolo de coco—15 kilos	1$200
Gomma copal—15 kilos:	
Amarella	6$000-6$500
Branca fina	4$000-4$500
Mistura	2$000-2$400
Miuda	1$700-1$800
Ordinaria	800-1$000
Preta	800-1$000
Assucar d'Africa Occidental—15 kilos:	
1.ª qualidade	1$600
2.ª »	1$500 1$550
3.ª »	1$100-1$250
Algodão—Kilo	270-300
Marfim—459 grammas:	
Molle de lei	2$000
» meão	1$800
» escaravelho	1$400
Couros—Kilo:	
Guiné Bons	480
Guiné Defeito	420
Guiné Refugo	210
Cabo Verde	430-460
Angola	440
S. Thomé Bons	400
S. Thomé Defeito	360
S. Thomé Refugo	180
Ginguba—15 kilos	850-900

Aguardente de canna:

Cabo Verde	7$500-12$000
Loanda (garrafão de 16 litros)	10$500

Reexportação colonial pelo porto de Lisboa

De 28 de novembro a 26 de dezembro

Para *Hamburgo:*

Cacau	337.823$000	réis
Borracha	72.264$000	»
Café	20.147$000	»
Almeidina	1.050$000	»
Coconote	3.590$000	»
Marfim	392$000	»
Couros	210$000	»
Copal	110$000	»
Sumauma	1.700$000	»
Pelle de Leão	20$000	»

Para *Anvers:*

Cacau	93.869$000	»
Café	7.470$000	»
Almeidina	720$000	»
Borracha	13.355$000	»
Marfim	215$000	»

Para *Liverpool:*

Borracha	29.062$000	»
Cacau	1.570$000	»
Almeidina	620$000	»
Urzella	150$000	»
Café	50$000	»

Pora *Londres:*

Cacau	20.370$000	»
Quina	4.340$000	»
Marfim	740$000	»
Gomma	190$000	»
Pelles	167$000	»

Para *Rotterdam:*

Cacau	30.072$000	réis
Café	26.138$000	»

Para *New-York:*

Cacau	148.488$000	»
Borracha	79.695$000	»

Pora *Riga:*

Cacau	12.240$000	»

Para *Bremen:*

Cacau	6.266$000	»

Para o *Havre:*

Cacau	12.110$000	»

Para *Genova:*

Cacau	14.484$000	»

Para *Amsterdam:*

Cacau.	90.305$000	»
Borracha	12.000$000	»

Para *Copenhague:*

Cacau	2.788$000	»
Borracha	83 070$000	»

Para *Napoles:*

Cacau	3.300$000	»

Para *Triestre:*

Cacau	8.542$000	»

Para *Bordeaux*:

Cacau	4.660$000 réis

Para *Australia*:

Cacau	640$000 »

Para *Marselha*:

Amendoim	250$000 »

Para *Lourenço Marques*:

Café	51$000 »

Resumo por generos

Cacau	857.573$000
Borracha	289.446$000
Café	62.446$000
Almeidina	1.797$000
Quina	4.340$000
Marflm	1.347$000
Gomma	890$000
Couro	167$000
Amendoim	250$000
Copal	110$000
Urzella	550$000
Pelle de leão	20$000
Sumauma	1.700$000

Mercados estrangeiros

Bahia

Novembro

Cacau

A entrada de cacau na Bahia no mez de Novembro de 1909 foi de 73.408 saccos.

A exportação no mesmo mez foi de 73.779 saccos, pesando 4.427.646 kilogrammas no valor declarado de reis 2.401:627$710, sendo a importancia dos impostos respectivos cobrados 408:275$730 reis.

Diminuiu o stock não se podendo porem precisar a existencia no fim do mez por falta de informações fidedignas.

Os preços continuam a manter-se sem alteração sensivel.

Barcelona

Outubro

Importação do cacau e café em Barcelona no mez de novembro de 1909

Cacau

Importado	de	Fernando Pó . . .	15.303	saccos	984.037 kilos
»	»	Colon	31	»	2.320 »

Café

Importado	de	Santos	6.524	saccos	391.440 kilos
»	»	Genova	100	»	8.132 »
»	»	Havre	106	»	7.003 »
»	»	Colon	814	»	50.417 »
»	»	Ponce	855	»	38.447 »

Importado de Marselha	100 saccos	8.263	kilos
» » San Juan	1.302 »	11.6450	»
» » Mayalques	302 »	23.578	»

Preço no mez de novembro, fixado pela junta sindical do collegio dos reaes correctores do commercio

Cacau

	Pesetas por kilo	
Fernando Pó, superior	1.94	2.
» » regular	1.83	1.88
» » bajo	1.61	1.66
Guayaquil arriba	3.05	3.11
» balao	3	3.05

Café

	Pesetas por kilo	
Santos, superior	2.82	2.88
» regular	2.70	2.76
Caracas s/c	3	3.12
Colombia superior	3.06	3.12
» regular	2.94	3
Puerto Rico Yauco	3.36	3.42
» » Hacienda	3.30	3.36
Moka s/c	3.66	3.72
San Salvador s/c	3	3.12
Caracolillo Santos	2.94	3
» Porto Rico	3.49	3.54

Ceylão

Agosto

Cacau

Importado em outubro:

	Importado	Gasto no consumo interno	Valor
De Inglaterra	128 lb.	128 lb.	107 rupias

Importado nos ultimos dez mezes, incluindo outubro:

	Importado	Gasto no consumo interno	Valor
De Inglaterra.....	2.653 lb.	2.653 lb.	1.560 rupias
Das Ilhas Filippinas ..	2 »	2 »	1 rupia
	2.655 »	2.655 »	1.561 rupias

Exportação em outubro:

Inglaterra—cwt.....	2.230	97.986	rupias
India Ingleza—cwt.....	1	44	»
Nova Zelandia—cwt	110	4.833	»
Straits Sttlmnts—cwt.....	100	4.394	»
Allemanha—cwt.....	272	11.952	»
Hollanda—cwt	175	7.689	»
Ilhas Philippinas—cwt..... ..	735	32.296	»
	3.623	159.194	»

Exportação nos ultimos dez mezes, incluindo ontubro:

	Producção e manufactura da colonia	Valor	
Inglaterra—cwt..	41.691	1.831.902	rupias
India Ingleza—cwt...	3	132	»
Canadá—cwt.....	603	26.496	»
New South Wales—cwt	20	878	»
Nova Zelandia—cwt	760	33.395	»
Straits Settlmnts—cwt.....	1.871	82.212	»
Victoria —cwt.....	902	39.634	»
Austria—cwt.....	400	17.576	»
Belgica —cwt.....	500	21.970	»
China —cwt.....	225	9.886	»
Dinamarca—cwt.....	132	5.800	»
França —cwt.....	1.837	80.718	»
Allemanha —cwt.....	5.575	244.955	»
Hollanda - cwt	650	28.561	»
Ilhas Filippinas—cwt..... ...	2.955	129.843	»
Hespanha — cwt.....	491	21.575	»
Estados-Unidos da America —cwt.....	737	32.383	»
	59.352	2.607.926	»

Guayquil (Equador)

Outubro

Cacau

Existencia em 30 de setembro ... 1.724.163 lbs.

Recebido em outubro:

Arriba	1.258.157	lbs.
Balao	714.538	»
Machala	609.714	»
	4.306.572	»

Exportado em outubro:

s/s Mapocho	200	saccos
» Celia	1.450	»
» Uarde	2.150	»
» Equador	2.450	»
» Seropis	650	»
» Victoria	100	»
» Arica	2.217	»
» Cid. do Havre	2.645	»
» Assuar	898	»
» Equador	2.200	»
	14.960	

Ou seja approximadamente	2.618.000	»
Existencia em 30 de setembro	1.688.572	»

Novembro

Existencia em 31 de outubro ..... 1.688.572 lbs.

Recebido em novembro:

Arriba	1.114.700	»
Balao	548.385	»
Machala	548.881	»
	3.925.538	»

Exportado em novembro:

s/s	Arica	2.065	saccos
»	Equador	1.450	»
»	Arica	2.300	»
»	Anubis	4.200	»
»	Radomes	900	»
»	California	20	»
		10.935	»

Ou seja aprosimadamente	1.913.625	lbs.
Existencia em 31 de outubro	2.011.913	»

Noticias

Actas das sessões da direcção do Centro Colonial

Acta n.º 106

20 de dezembro de 1909, á 1 hora da tarde

Presentes: Dr. Paulo Cancella, Mendes da Silva, Mantero, Ferreira, Lima, Levy, Luiz Teixeira, H. de Mendonça.

O sr. Teixeira agradeceu em seu nome e no de sua cunhada a sr.ª condessa d'Almeida Araujo, o ter-se a Direcção do Centro Colonial, feito representar no enterro do sr. conde d'Almeida Araujo.

Foi lida uma carta da sr.ª D. Margarida Antunes Santos agradecendo os pesames pelo fallecimento de seu marido sr. José da Costa Santos.

Foi approvado para socio effectivo o sr. Justino José Ribeiro agricultor em S. Thomé.

Foi lido um bilhete do sr. Horta Osorio referindo-se ás resoluções tomadas na ultima assemblea geral do Centro, acerca da nossa defeza contra a propaganda ingleza.

Resolveu-se ir publicar no boletim o que se tem feito e o que se fôr fazendo para cumprimento de resoluções tomadas n'essa assemblea.

O sr. Francisco Mantero disse que cumprindo a incumbencia, que esta direcção lhe fizera, pedira ao professor de inglez, Alfred King que revisse a traducção do regulamento geral mandada fazer pelo nosso consocio Dr. Horta Osorio

Em seguida levou o exemplar revisto a S. Ex.ª o sr. Ministro da Marinha afim de o regulamento ser publicado em inglez e portuguez na edição a imprimir na Imprensa Nacional com o mesmo sr. Ministro e este Centro desejavam.

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde.

Acta n.º 107

28 de dezembro de 1909, á 1 hora da tarde

Presentes: Paulo Cancella, Mantero, Levy, Lima e H. de Mendonça.

Foi admittido para socio effectivo o sr. Feliciano dos Santos Ruivo.

Resolveu-se ir cumprimentar o sr. Presidente do Conselho de Ministros e Ministros da Marinha e dos Estrangeiros, ficando encarregado o sr. Paulo Cancella de saber quando elles nos recebem e de avisar.

Não havendo nada mais a tratar, encerrou-se a sessão.

Crise ministerial

Pediu a demissão o ministerio presidido pelo sr. Wenceslau de Lima tendo sido chamado para organisar o governo o sr. Francisco da Veiga Beirão.

Está no poder um ministerio retintamente progressista e composto unicamente de marechaes desse partido.

O gabinete está constituido pela seguinte forma:

Presidencia, sem pasta — Francisco Antonio da Veiga Beirão.

Reino — Francisco Felisberto Dias da Costa.

Justica — Arthur Pinto de Miranda Montenegro.

Fazenda — João Soares Branco.

Guerra — José Mathias Nunes.

Marinha — João d'Azevedo Coutinho Barahona Fragoso.

Estrangeiros — Antonio Eduardo Villaça.

Obras Publicas — Manuel Antonio Moreira Junior.

Está pois na pasta da Marinha e Ultramar, um artigo colonial; notavel pelo seu valôr actividade e talento, o sr. conselheiro João Coutinho conhece bem o Ultramar as suas questões, riquezas e neccessidades e por isso muito ha que esperar da sua gerencia da pasta da Marinha e Ultramar.

Já o sr. conselheiro João Continho geriu a pasta da Marinha mas por tão pouco tempo que não teve occasião para se manifestar.

Então nos referimos a elle no n.º 1 deste boletim e agora como então concluimos que muito esperamos do seu talento, conhecimento, energia e boa vontade.

Visita aos ministros

A Direcção do Centro Colonial foi no dia 31 de dezembro ultimo apresentar os seus cumprimentos aos srs. Presidente do Conselho de Ministros e ministros da Marinha e Estrangeiros.

O sr. Presidente do Concelho e ministro da Marinha não estavam, e por isso a direcção deste Centro pediu aos respectivos secretarios para communicarem a SS. Ex.as o fim da sua visita.

Encontrou porém, a Direcção do Centro, o sr. Ministro dos Estrangeiros com quem tratou impressões ácerca dos tratados de commercio que elle está negociando pedindo-lhe a sua attenção para os generos coloniaes nesses tratados principalmente com cacau e café no tratado com a Hespanha e França.

Rateio de embarque

Continua em S. Thomé o rateio do cacáu no embarque com grave prejuizo dos proprietarios pelo que algumas queixas teem sido dirigidas a este Centro.

Transcrevemos em seguida a parte d'uma correspondencia de S. Thomé ha poucos dias publicada no Diario de Noticias.

«Não obstante o «Cabo Verde» levar 22 mil saccos e o «Cazengo» levar alguma carga, não fica resolvida a crise da carga, como referi em carta especial. Ainda ficam armazens cheios de cacau. Por isso continua o enorme prejuizo por avarias provenientes do bolor, ou seja excesso de humidade d'este clima. Estes cacaus, assim deteriorados, serão cotados como avariados e por isso a preço baixissimo.

Coutinuam, pois, o commercio e a agricultura a soffrerem graves prejuizos com a insufficiencia de transportes.»

Pedimos á Empreza Nacional de Navegação a sua attenção para este assumpto que é de grande importancia.

Cacau escravo

I

Em harmonia com a resolução tomada na sessão de 25 de setembro, em que estiveram presentes quasi todos os socios do Centro, tem a Direcção do mesmo procurado todos os meios para a nossa defeza, e para isso tem estado em continuas relações com o tenente-coronel Wyllie.

Em virtude d'isso e dos esclarecimentos enviados á imprensa americana, teem sido, em muitos jornaes, publicados artigos em nossa defeza, e no nosso numero anterior dissemos já quaes os beneficos resultados que d'isso se tem obtido

Tem o Centro estado em relações directas e indirectas com o nosso ministro em Washington, o qual nos tem prestado relevantissimos serviços.

Mandou-se já publicar um folheto em nossa defeza, o qual deve já ter sido profusamente distribuido tanto na America como na Inglaterra.

Foi entregue ao sr. Ministro da Marinha um exemplar em inglez do regulamento geral da emigração de indigenas para S. Thomé e Principe, afim de ser publicado n'este idioma e em portuguez a edição official que o governo está mandando fazer na Imprensa Nacional para mais facilmente, tanto na America como na Inglaterra, se poder tomar conhecimento das suas disposições.

O Sr. Ministro dos Estrangeiros prometteu mandar traduzir para inglez e fazer distribuir, pelas vias diplomaticas, a defeza dos agricultores de S. Thomé em tempo mandada publicar em francez pelo governo e por elle mandada distribuir em diversos paizes.

Como os ministros a que fazemos referencia eram os srs. Roma du Bocage e Terra Vianna, que já sahiram do ministerio, este Centro empregará todos os esforços para que os actuaes ministros executem aquellas resoluções dos seus antecessores.

Publicamos em seguida o desmentido do coronel Willie, publicado nos jornaes americanos, á diffamação dos srs. Burtt e Cadbury e a traducção de um artigo da *Review* em nossa defeza.

II

Campanha de diffamação contra a colonisação portugueza—Desmentidos do coronel Wyllie, publicados em jornaes dos Estados-Unidos da America do Norte

New-York, 25 de Novembro de 1909.

As affirmações de que a mais vergonhosa condição de vida dos indigenas existe em toda a sua plenitude na Africa Occidental Portugueza e especialmente nas ilhas de S. Thomé e Principe, ainda recentemente propaladas por escriptores inglezes e americanos, relatando a existencia do trafico de pretos entre os plantadores, foram desmentidas como sendo falsidades indesculpaveis, pelo coronel J. A. Wyllie, da Sociedade de Geographia de Londres, que ha pouco chegou no vapor *Teutonic*, vindo de Southampton, depois de ter passado dois mezes n'aquellas ilhas, especialmente para investigar sobre o assumpto.

«A situação do trabalhador africano, empregado nas plantações, é incalculavelmente melhorada em comparação com a que disfructa na sua terra de origem, a Africa Central»; assim nos diz o coronel Wyllie. «Chegam á costa trazidos pelos seus chefes indigenas barbaros e até canibaes e consideram-se felizes vendo-se livres d'elles, e empregando-se nas plantações escapam ás torturas do barbarismo das suas proprias tribus. Uma vez empregados, são bem installados, bem alimentados e até o tratamento medico é excellente.

III

Extrahido da *Review*, de New-York, de 18 de novembro de 1909:

A campanha contra o cacau portuguez sob o ponto de vista commercial

Se se conseguisse supprimir do mercado o fornecimento do cacau de S. Thomé, não representaria esse facto um prejuizo para a industria americana em beneficio da industria ingleza?

Os representantes de Portugal n'este paiz reconhecem o mal causado por certas publicações recentes e a influencia que a affirmativa de que a mão d'obra é de escravos teria no consumo do cacau produzido nas plantações das colonias portuguezas. Consideram esses relatorios mais que exagerados e não occultam a desconfiança de que interesses commerciaes são a base de tal campanha.

O sr. A. S. Gouvea, chanceller e interinamente encarregado do consulado geral de Portugal sob a indicação do sr. visconde d'Alte, ministro de Portugal em Washington, forneceu ao *Journal of Commerce* a seguinte informação:

A 30 de julho escrevia elle d'ali para o *Ceylon Observer*, de Colombo:

«Os portuguezes, melhor do que nenhuma outra nação europêa, sabem a maneira de tratar os pretos; é uma lição pratica para qualquer estrangeiro que pela primeira vez visita uma roça, vêr a confiança com que as creanças filhos dos trabalhadores se lhe dirigem e com elle fallam perfeitamente á vontade sem que nunca o tivessem visto, tal como o faria uma creança franceza bem educada e sem acanhamento. São as creanças mais alegres e felizes que póde encontrar-se; não posso encontrar prova mais evidente para desmentir as accusações de crueldade allegadas contra os plantadores portuguezes de S. Thomé, por homens que teem toda a facilidade em conhecer o que affirmo.

Diz-se que a mortalidade entre o pessoal das roças é elevada. Mas, pergunto eu, teria ella sido menor nos seus paizes de origem ao centro d'Africa, e aos quaes ainda recentemente se referiu o sr. Burtt? E é, sem duvida, menor mesmo, segundo os relatorios, que a dos indigenas do centro d'Africa que trabalham nas minas do Transwaal.

As ilhas de S. Thomé e Principe, diz ainda o coronel Wyllie, posto que mais para o europeu, são, na verdade, um paraizo para os pretos e mais o seriam ainda se o angolense podesse realisar o seu ideal: descanço absoluto, muita aguardente e completa despreoccupação do dia de ámanhã.

Comparar as estatisticas de mortalidade nas terras d'Africa com as das cidades da Europa, é um verdadeiro engano.

O dr. Salvado Motta, medico pela Escola de Lisboa, com longa residencia em S. Thomé, affirma n'um relatorio que a duas causas, principalmente, é devida a mortalidade entre os trabalhadores das roças: — o alcoolismo e a geophagia, — e accrescenta que se fosse possivel evitar estes dois males, a mortalidade ficaria reduzida de 90 %.

A accusação de que o cacau d'aquellas ilhas é producto d'uma mão-d'obra escrava, é manifestamente falsa e tão falsa que é difficil não pôr em duvida a boa fé de quem faz estas affirmações perante o mundo inteiro.

E' facto que existe nas ilhas uma lei que regula o trabalho dos indigenas nas plantações, como de resto existe nas outras colonias, sómente em S. Thomé com regulamentos muito mais rigorosos no sentido de proteger os trabalhadores.

Como dissémos, o governo portuguez suspendeu o recrutamento, e quando novamente começar, serão os contractos pelo tempo de 3 annos, findos os quaes regressarão á sua terra d'origem, salvo o caso de muito de sua vontade quererem renovar os contractos, e para que no caso de renovação se não possa suppôr qualquer pressão, estabeleceram-se as seguintes clausulas:

1.ª — O curador (funccionario especial sob cuja protecção estão os indigenas) certificar-se-ha de que sobre elles se não exerce coação.

2.ª—Ainda depois é preciso que o governador da ilha auctorise esse recontracto.

3.ª—Que se realisará na presença do curador em local e a hora d'antemão conhecidos pelo menos com 8 dias de antecedencia de maneira a que o publico possa assistir para testemunhar do facto.

Será possivel n'estes termos faser um contracto falseado? Não terão ainda por esta fórma os *humanitaristas* maneira de se certificarem da legalidade de quanto se passa, visto que o acto é publico.

Quando o procedimento das auctoridades e funccionarios portuguezes são tão fundamentalmente deturpados e que o grito de guerra contra a escravatura é constantemente apregoado, apesar dos esforços empregados para discutir tranquilamente o actual systema, não é para estranhar que em Lisboa haja uma grande desconfiança a respeito da sinceridade d'aquelles que promovem e dirigem a campanha, e sobretudo desconhecendo o apertado fanatismo, prejudicialissimo e nada razoavel que prevalece em certos meios. D'esta fórma não é para admirar que vejam mesmo no fundo da campanha interesses commerciaes, e a isso attribuam o *boycott*, apesar de se não descobrir a fórma pela qual possa resultar um beneficio material precisamente para aquelles que estando ligados ao commercio do cacau tanto se teem empenhado n'elle.

A producção do cacau de S. Thomé representa uma sexta parte da do mundo inteiro. Suppondo que os fabricantes inglezes já se asseguraram para os seus fornecimentos com preferencia sobre uma porção importante das restantes cinco sextas partes da producção mundial, não se prejudicariam sériamente os fabricantes americanos e allemães se se privassem da producção de S. Thomé?

Não poderia tambem dar-se o caso que da parte dos fabricantes, houvesse o desejo, aliás natural, de terem na mão os productores do cacau que empregam, impedindo as fluctuações do preço da materia prima que tantas vezes se teem repetido nos ultimos annos?

Procedendo assim, apenas seguiam o exemplo dos negociantes compradores do chá de Ceylão.

Admittindo que fosse este o seu fim, não poderiam proceder para o conseguir pela fórma como o fizeram?

Creando tantas difficuldades aos plantadores de S. Thomé e resultando d'ellas uma grande reducção nos lucros das explorações, não poderia tambem dar-se o caso de que aquelles acabassem por vendel-as por um preço menor do que quando os lucros são razoaveis?

A concorrencia do cacau de S. Thomé fez baixar a cotação dos cacaus das Antilhas inglezas. Não poderia, pois, succeder que aquelles a quem o facto prejudicou tivessem lançado os primeiros protestos contra a escravatura para assim se desembaraçarem d'um concorrente importuno nos seus mercados de venda?

Ainda ninguem esqueceu em Lisboa um caso succedido nos Estados-Unidos não ha muitos annos. O sr. Joubert Pienaar, boer, levantou uma campanha contra a administração portugueza na colonia d'Africa Occidental. Chegou a suppôr-se que o seu fim era perfeitamrnte humanitario, tal era o rigor com que descrevia os horrores que tinha observado, que soube attrahir a sympathia de muitos humanitarios philantropos. Alguns mezes decorridos, certos documentos dados a publico pelo *New-York Herald* demonstraram á evidencia que o verdadeiro fim d'aquelle cavalheiro era o de organisar uma expedição flibusteira para desembarcar nas costas da provincia d'Angola.

Ainda uma vez mais a ingenuidade humana tinha sido explorada e certamente não foi a ultima.

De entre as pessoas qne occupam uma situação evidente em toda esta campanha, ha um que é propagandista de escandalos e com manifestas tendencias anarchicas, que sempre se encontra em revolta perpetua contra toda a auctoridade constituida e espalha pelo mundo inteiro as mais graves accusações, embora falhas de provas. Ainda não ha muito accusou o governo inglez das Indias de ter mandado violar as malas da correspondencia postal, mas n'esse caso a sua má fé ficou posta a descoberto.

Os srs. Cadbury e Burtt são evidentemente pessoas honestas, comtudo alguns dos seus methodos dão grande margem á critica. E' possivel, porém, que sejam instrumentos d'outros dotados de mais subtileza que elles proprios, e não seria esta a primeira vez que pessoas dotadas das melhores intenções chegavam involuntariamente aos mais desastrosos fins».

«Tem-se allegado que durante a longa viagem desde o interior d'Africa até resto da costa maritima os trabalhadores indigenas contractados para serviços tanto na provincia de Angola como nas ilhas de S. Thomé e Principe se encontram expostos a soffrimentos bem desnecessarios e até mesmo a

actos de cruel selvageria. E' possivel que o estado de coisas nas regiões affastadas do interior d'Africa em pontos onde não existe ainda uma organisação administrativa, esteja ainda hoje como estava desde tempos immemoriaes longe de ser ideal. Ora isto só se póde corrigir pelo avanço regular da civilisação, e o mais poderoso agente d'esta é, sem duvida, a construcção do caminho de ferro.

Precisamente encontram-se em construcção tres linhas ferreas em Angola, da costa para o interior: ao norte Loanda, Ambaca, Malange, ao centro Benguella (Lobito), e ao sul Mossamedes. Este facto póde bem contrapôr-se ás declamações dos accusadores.

Entretanto o governo portuguez, como medida energica, prohibiu o recrutamento de trabalhadores nas regiões do interior, onde os agentes angariadores não estejam debaixo da vigilancia directa das auctoridades.

Fez mesmo mais: suspendeu por completo, temporariamente, todo o recrutamento na provincia d'Angola, e só será recomeçado quando todos os serviços para o cumprimento da nova lei se encontrem devidamente montados, de fórma que o trabalhador contractado se conserve constantemente sob a vigilancia da auctoridade.

E' conveniente ter em vista que não se diz que o trabalhador seja mal tratado nas plantações, é durante o trajecto do interior d'Angola ao litoral que se affirma terem logar os maus tratos. Pelo novo regulamento a vigilancia constante dos funccionarios portuguezes tornaria esses casos perfeitamente impossiveis.

O distincto funccionario e explorador inglez sir Henry Johnstone, descreveu as ilhas de S. Thomé e Principe como sendo o paraizo do trabalhador preto e toda a gente que as visitou referem-se nos mais lisongeiros termos á maneira como o indigena é tratado. Até os proprios srs. Nevinson e Burtt são forçados pela evidencia dos factos a admittir que o tratamento dos pretos nas ilhas é bom.

A este respeito é conveniente ouvir o que diz o coronel J. A. Wylie, official inglez do exercito da India, que desempenhou logares de responsabilidade ás ordens do governo inglez na India e que regressou d'uma viagem de investigação á Ilha de S. Thomé».

IV

Carta do sr. Visconde d'Alte aos grandes importadores de cacau na America do Norte.

21 de Novembro de 1909 — Washington

Senhores — Sobre uma Narração que dirigi ao Consul Geral com referencia á situação dos trabalhadores indigenas de Angola nas ilhas Portugezas do Golfo da Guiné estou plenamente convencido que é meu dever fazer dissipar a impressão erronea que parece existir sobre o assumpto entre o publico dos Estados Unidos da America. Talvez não seja ainda do dominio Publico que viajantes de muitas nações differentes visitaram ultimamente estas ilhas, fazendo os mais rasgados elogios ás condições em que as encontraram.

Entre outros ha a mencionar os do Srs. Chevallier e Gravier Sr. M. Montei (subditos francezes) Sr. Strunch. (subdito allemão) Sr. Theodore Masin (belga) Senhores Griffilho e Hollande (subditos Inglezes pertencentes á Commissão executiva dos caminhos de ferro Lobito) Senhor Spengler (subdito allemão que viveu em S. Thomé durante muitos annos) Senhor Nightingale (Consul Britanico na Costa Occidental da Africa) Senhor Harry Johnston e Coronel J. A. Wyllie, (membro da Real Sociedáde de Geographia,) etc., pois é inutil prolongar este capitulo.

O Senhor J. A. Parkinson tambem subdito Inglez e grande conhecedor das colonias Portuguezas na Africa Oriental o qual tambem desempenhava um logar no serviço Consular dos Estados-Unidos, escreveu no dia 11 do corrente mez no *Newiork* um artigo protestando contra as erroneas affirmações recentemente feitas n'este paiz a respeito da existencia da escravatura nas possessões Portuguezas descrevendo-as como um simples absurdo» — Será crivel que todos estes cavalheiros, na sua maioria altamente cotados, e desempenhando logares de responsabilidade servissem como testemunha do excellente tratamento dos indigenas nas ilhas, se observassem uns vislumbres sequer d'escravatura? E ha porem outros testemunhos que descreveram as condições das ilhas portuguezas em opposição á dos personagens acima mencionados. — De facto, contra as testemunhas acima referidas posso apresentar duas por exemplo: a do senhor *Newinson* e a do senhor *Burtt* e seus associados. — As dissertações do senhor «Newinson devem ser distituidas de fundamento, pois mostram claramente a compleição do seu temperamento, que pode avaliar-se pelas seguintes amostras podendo-se-lhe applicar as

dos populares axiomas: — E' sempre bom fazer-se rebellião, porque então o mal é insuportavel e é a unica estocada que faz mexer a complacencia das estações officiaes... Em se tocando no governo é o mesmo que tocar no Diabo». (Nevinson — A escravidão moderna — paginas 201 — 215.) A respeito do seuhor Burtt e seus associados ha poucos factos a mencionar, isto é condizente aos methodos adoptodos por estes senhores. — Sobre a conferencia que teve logar em Lisboa no dia 28 de Novembro de 1907 entre os senhores Cadbury e Burtt e os representantes dos plantadores de S. Thomé tornou-se a fallar a respeito do pretendido mau tratamento dado aos indigenas. — O senhor Burtt viu-se obrigado a patentear os factos, ou retirar a accusação. Tenho em meu poder, e já impressas as minutas da conferencia. O senhor Burtt declinou patentear qualquer das cousas declarando ignorancia pessoal do mais insignificante caso ou castigo corporal infligido nas ilhas, e confessou que apenas repetiu o que ouvia dizer! — E alem d'esta intrevista dada á Imprensa Americana no dia 5 do corrente, O senhor Burtt não hesitou em affirmar que — «Castigos corporaes são prohibidos pelas leis do paiz, mas que os indigenas recebiam pancadas por serem ignorantes e encontrarem-se desprotegidos — escravos (a palavra escravo é, pelo senhor Burtt, usada para todo o trabalhador contratado).

E' veridico que n'um artigo escripto no «*Leslie's Weelelly*» de 14 d'Outubro ultimo, o senhor Burtt, que, na intrevista acima mencionada disse, referindo-se aos plantadores. «Estes golosos humanos» diz n'esta occasião o segundo: O seu costume (referindo-se aos plantadores) é dar-lhe casa, cama e meza, pagar-lhes o seu salario e trata-los bem. E é o que fazem geralmente — Algumas das plantações são modelos de cuidado e bom tratamento — As casas feitas de tijolo, mas bem construidas, bom fato, comida em abundancia, hospitais e assistencia medica» — E n'um outro artigo publicado na «Contemporany Review» de Outubro, o senhor Burtt publica o seguinte: — Os trabalhadores tem o direito d'appellar para o seu protector official, o «curador» e durante a minha primeira visita a S. Thomé, em 1905, soube que o faziam amiudadas vezes. Mas e preciso não esquecer que muitas plantações ficam a um ou dois dias de viagem, e que para um indigena ir fazer uma appelação, vivendo como vive sobre as ordens d'uma auctoridade, requer muita coragem, sendo um caso fora do vulgar» — E' bom fazer vêr ao publico como é enganador o direito d'appellação ao curador administrador, mas ha tambem a notar que n'estes primeiros periodos, o senhor Burtt declarou que os indigenas se aproveitavam constantemente d'este direito, e n'um outro artigo mais bem escripto e dedicado aos representantes dos plantadores no 1 de

Dezembro de 1907, affirma distintamente ter todas as provas da integridade do curador administrador. e tambem saber que esta auctoridade official inspecciona as plantações as mais distantes — Qualquer inconsistencia d'esta especie se deve attribuir aos artigos do senhor Burtt, mas já se disse bastante para se demonstrar que o intento d'este cavalheiro é rebaixar, e o que elle diz, não é por forma alguma acceitavel como um guia de confiança para o publico Americano. Quanto se empregam methodos como este, dirigindo attaques persistentes, é surprehendente e mesmo difficil descobrir, porque razão os plantadores luttam com difficuldade para destruirem os motivos que os infamantes allegam, e como nenhum mercenario se dispõe a desmanchar o seu proposito? — E' bom não esquecer que ha n'este negocio duas circumstancias que impressionam em particular os plantadores. — Primeiro, que nem uma palavra tinha sido até aqui pronunciada contra o systema de trabalho de plantações, a não ser ha alguns annos para cá quando foi do dominio de todos que as ilhas de S. Thomé e Principe seriam formidaveis competidoras com as então existentes origens de fornecimento de cacao e que esta competencia augmentaria pois toda a area d'esta ilha ia pouco a pouco sendo cultivada. — Segundo, que desde que o cacao de S. Thomé entrou em venda, o preço do Inglez baixou consideravelmente, como por exemplo o de Trindade que no mercado de Londre regulou 113 — 117 em Novembro de 1907 a 58-63 em 1908 e a 54-57 no mesmo mez d'este anno.

Creia ser com todo o respeito e consideração

De V. Ex.ª
Att.º Ven.or
(a) *Alte*

V

Carta do sr. J. A. Wyllie

Hotel Grunewald — New Orleans, 6 Dezembro 1900.

Meu caro sr. Mac Hale

Estimará v. saber que, no que diz respeito aos Estados Unidos d'America (U. S. A.), a missão Burtt contra S. Thomé falhou completamente. Até á data em que eu sahi de Ingla-

terra, elle só tinha conseguido levantar quinze guineos (13 lib. e 15 sh.) das 500 libras que pediu para as suas despesas. Quando veio aqui e principiou a propaganda e a angariar donativos, viu que nós o tinhamos antecipado, que os seus ouvintes, pela maior parte, eram indiferentes ao assumpto e que os negociantes lhe eram contrarios.

A America tem demasiados negros seus para sympatisar muito com o assim chamada ESCRAVATURA MODERNA, quer dizer que elles podem inclinar-se pela sua causa.

Burtt conseguiu arranjar dois grandes fabricantes, que jamais na sua vida tinham visto um grão de cacau de S. Thomé para jurarem que elles nunca mais haviam de tocar n'um unico grão do tal cacau; mas fóra d'isto nada fez.

Actualmente os seus partidarios esforçam-se para influir nos pequenos consumidores, e fallam em mandar uma delegação para uma entrevista com o secretario Knox para que o U. S. A. intervenha. A sua resposta está já prompta e os espera.

Quando eu desembarquei em Nova York fui entrevistado por um homem da associação da Imprensa que me disse que não acreditava que os estados tomassem o minimo interesse na campanha. Foi um fiasco completo.

Porem registaram e publicaram com mais ou menos inexactidão (mas o proprio Burtt foi de todo inexacto nas suas affirmações) tudo o que eu tinha a dizer a respeito do trabalho manual da ilha. Passei por Washinton onde conversei com ministro portuguez alli risidente que está contentissimo pela maneira como se tem tratado o assumpto e diz ter grandes esperanças que a Campanha em Inglaterra cahirá pela base.

Aqui estou no caminho para Honduras, onde tenho alguns negocios em borracha, e d'ahi vou para o Mexico e Honduras Britanica. Será ahi o meu quartel general para correspondencias até ao fim de janeiro mais ou menos, quando espero voltar ao meu paiz para ahi ficar algum tempo.

Corre o boato que Cadbury auferiu bastantes lucros nas suns empresas de cultura na Costa Occidental d'Africa dando-lhe o insentivo financeiro para o boycotting de S. Thomé.

Desejava muito saber como o Standard e elle vão indo.

Sem tempo paro mais, pois tenho que me apromptar para partir amanhã de manhã.

Tenente-coronel—Exercito da India.

Sou Att.º V.º

(a) *J. A. Willie*

VI

Contractos de repatriados

Publicamos em seguida, e sem commentarios, a noticia, de que já tinhamos conhecimento, e que foi publicada pelas *Novidades*.

E' a melhor resposta que podemos dar ao Sr. Cadbury & C.ª de diffamadores que nos tem accusado de fazermos escravatura a S. Thomé.

«A direcção da Companhia da Ilha do Principe receheu hoje, o telegramma seguinte, que teve a amabilidade de nos enviar:

QUELIMANE, 13. — Serviçaes repatriados desejam voltar para «Agua-Izé» com suas familias. Posso contractal-os? — «Agente de emigração».

Este telegramma responde aos que nos accusam de esclavagistas.

Em Setembro de 1909 tinham sido repatriadas as duas primeiras turmas de serviçaes contractados por um anno em Quelimane, sendo então todos homens. Da primeira turma regressaram muitos. dois mezes depois de repatriados, acompanhados, então, pelas suas mulheres e contractodos por tres annos. Agora são os da outra turma que pedem para voltar, tambem, com as familias, pedido que, segundo nos consta, a Companhia deferiu, já, pelo telegrapho.

Sentimos o desgosto que esta noticia vae causar aos nossos amigos... de Peniche».

Agentes de emigração

Benguella:

Effectivo—D. José da Camara Leme.
» —Ignacio da Fonseca e Costa.
Substituto—Francisco Xavier Ferreira Souza e Castro.

Bolama:

Effectivo—Antonio da Silva Gouvêa.

Catumbella:

Effectivo—Barão d'Almofalla.
» —Joaquim da Fonseca e Costa.
Substituto—Antonio Costa.

Loanda:

Effectivo—Julio Verdades.
» —Luiz da Silva e Gunha.
Substituto—Guilherme Lima.

Moçambique:

Effectivo—Mario Ferreira Pinto Basto (suspenso).
» —Manuel Ribeiro da Silva.

Novo Redondo:

Effectivo—Joaquim Ferreira Marques.
» —José Antonio Matta.
Substituto—Paulo Plantier Martins.

Praia:

Effectivo—José Antnnes d'Oliveira.
» —Raul Barboza.
Substituto—Alfredo Beirão.

Quelimane:

Effectivo—Julio Botelho Moniz.
» —Carlos Masseti.
Substituto—Celestino Fernandes Monteiro.

S. Vicente:

Effectivo—Aurelio A. Martins.

Agentes de emigração

Benguella:

Effectivo—D. José da Camara Leme.
» —Ignacio da Fonseca e Costa.
Substituto—Francisco Xavier Ferreira Souza e Castro.

Bolama

Effectivo—Antonio da Silva Gouvea.

Catumbella:

Effectivo—Barão d'Almoalde.
» —Joaquim da Fonseca e Costa.
Substituto—Antonio Costa.

Loanda

Effectivo—Julio Verdade.
» —Luiz da Silva e Cunha.
Substituto—Guilherme Lima.

Mossamedes:

Effectivo—Mario Ferreira Pinto Basto (suspenso).
» —Manuel Ribeiro da Silva.

Novo Redondo:

Effectivo—Joaquim Ferreira Marques.
» —José Antonio Matta.
Substituto—Paulo Plantier Martins.

Praia:

Effectivo—José Antunes d'Oliveira.
» —Raul Barbosa.
Substituto—Alfredo Beirão.

Quelimane:

Effectivo—Julio Botelho Monix.
» —Carlos Massetti.
Substituto—Celestino Fernandes Monteiro.

S. Vicente:

Effectivo—Aurelio A. Martins.

Actuaes socios do Centro Colonial

1 — Abeillard de Vasconcellos
2 — Acacio Pereira Magno
3 — Adriano Julio Coelho
4 — Alfredo Mendes da Silva
5 — Alipio José de Carvalho
6 — Antonio d'Almeida e Lima
7 — Antonio Elyseu Lacerda de Macedo
8 — Antonio Montez de Champalimaud
9 — Antonio de Moraes
10 — Antonio Pedro d'Araujo
11 — Antonio Soares Franco
12 — Augusto d'Albuquerque
13 — Aurelio Carvalho Fonseca
14 — Avelino Arlindo da Silva Patena
15 — Banco Nacional Ultramarino
16 — Bernardo Heitor Pereira Garcez
17 — Carlos Augusto Salles Ferreira
18 — Companhia Agricola da Praia Grande
19 — Companhia da Ilha do Principe
20 — Companhia Real dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa
21 — Companhia Roça Alliança
22 — » » Coimbra
23 — » » Ribeira Izé
24 — Conde de Souza e Faro
25 — Costa & Braga
26 — Domingos Machado & Irmãos
27 — Elias Azancot
28 — Empreza Nacional de Navegação
29 — Feliciano dos Santos Ruivo
30 — Francisco Mantero
31 — Francisco Mendes Lopes
32 — Henrique José Monteiro de Mendonça
33 — Januario José da Silva
34 — Januario José da Silva Junior
35 — João Baptista de Macedo
36 — José Ferreira do Amaral
37 — José Mendes Leite
38 — José Paulo Monteiro Cancella
39 — Julio Botelho Moniz
40 — Justino José Ribeiro
41 — Lima & Gama
42 — Lopo de Souza e Vasconcellos
43 — Luiz Gonçalves Santiago

44 — Luiz Virgilio Teixeira
45 — Dr. Manuel Caroça
46 — Manoel José Coelho
47 — Manuel da Silva Santiago
48 — Marquez de Valle Flôr
49 — Nicolau José da Costa
50 — Nicolau dos Santos Pinto
51 — Polycarpo de Figueiredo Barros
52 — Paschoal Alves Pires Amado
53 — Pedro Coelho Serra & C.ª
54 — Salvador Levy
55 — Silva Gouveia
56 — Sociedade Ió Grande
57 — » Montes Herminios
58 — » Rosema